



Sociodrama e vínculo: uma pesquisa-ação com pais e filhos

Yoná Martins Corrêa Perlin¹, Amanda Castro²

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo identificar como o sociodrama auxilia no desenvolvimento de vínculos entre pais e filhos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória na modalidade pesquisa-ação, da qual participaram duas mães e seus respectivos filhos, com idades entre cinco e nove anos, encontrados mediante a uma escola. A amostra foi por acessibilidade. Para a coleta de dados foi utilizado o sociodrama, o qual foi gravado e transcrito. A análise de dados foi a análise de conteúdo a luz da teoria sociodramática. Os resultados apontam as contribuições do sociodrama no que diz respeito ao reconhecimento do eu e do tu para pais e filhos, favorecendo o esclarecimento de conteúdos transferenciais.

Palavras-chave: Vínculos. Filhos. Sociodrama.

Sociodrama and link: a research-action with parents and children

Abstract: This research aims to identify how the sociodrama helps in the development of bonds between parents and children. It is a qualitative, exploratory research in the research-action modality, in which two mothers and their respective children, aged between five and nine years, were found through a school. The sample was for accessibility. For the data collection, the sociodrama was used, which was recorded and transcribed. Data analysis was content analysis in light of sociodramatic theory. The results point out the contributions of the sociodrama with regard to the recognition of the self and the you for parents and children, favoring the clarification of transferential contents.

Keywords: Bonds. Sons. Sociodrama.

Introdução

A família interfere positiva e negativamente no comportamento da criança, é com ela que a criança mais convive e interage, assim, o desenvolvimento de um comportamento adequado da criança, bem como seus relacionamentos e vínculos, irá ocorrer a medida em que a família permite que ela seja espontânea e que tenha autonomia (BENEDITO et al., 1988).

Para Vitale e Tassinari (2009, p. 159) é na família que as necessidades básicas de afeto do ser humano são buscadas e talvez preenchidas, esta pode ser considerada “[...] nossa fonte

¹ Psicóloga. Psicodramatista nível I em Foco Psicoterápico pela Escola Viver Psicologia; Psicodrama.E-mail: yonamartinss@hotmail.com

² Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). E-mail: amandacastro@gmail.com

de referências sociais e afetivas.” Ainda segundo os mesmos autores a técnica psicodramática que pode ser mais vantajosa para as famílias participantes de um sociodrama é a inversão de papéis, pois ela permite que os membros da família se coloquem um no lugar do outro, ajam como o outro e negociem como o outro, o que pode levar a *insights* e a minimização das diferenças. O objetivo do psicodramatista seria então buscar padrões de relacionamentos rígidos, estereotipados e ajudá-los como grupo familiar a reconstruir criativamente seus relacionamentos, ou seja, fazer diferente a partir de um enxergar diferente.

A utilização do psicodrama em forma de psicoterapia ou do sociodrama em forma de socioterapia

[...] permite ao indivíduo o desbloqueio de forças que, por circunstâncias, se cristalizam impedindo o fluir da espontaneidade. Restabelece canais de comunicação, facilita a aprendizagem e desempenho de papéis e o estabelecimento de novos vínculos (BENEDITO et al., 1988, p. 44).

O sociodrama ao mesmo tempo em que explora o conflito, trata as relações, assim como as ideologias coletivas (MORENO, 2016). Pois é um método ativo, que utiliza da ação como base e a espontaneidade dos participantes, onde os mesmos irão pôr-se a prova e terão de dar respostas novas ao conflito, não somente como sujeitos, mas como grupo, onde todos terão de concordar ou discordar, assim como dar sua opinião (MONTEIRO; CARVALHO et al., 2008). Esta vivência que utiliza da fantasia e da realidade, do “como se” vai diluindo o caráter rígido das regras sociais e com isso há “[...] uma maior flexibilidade na crítica dos conflitos provenientes do contexto social de cada participante” (MONTEIRO; CARVALHO et al., 2008, p. 35).

Desta forma o sociodrama ajuda a família a agir de forma mais espontânea e criativa, possibilitando o fortalecimento de seus vínculos. Auxiliar a família a recuperar sua espontaneidade é de extrema importância, pois é ela quem “[...] ameniza as dores, permite a dissolução criativa dos conflitos, das batalhas e guerras que compõem o caminho da vida” (CARNEIRO; RASERA, 2011, p. 29). Tanto psicodrama como sociodrama trarão a possibilidade de as famílias reviverem momentos conflitantes e assim recriá-los, modificá-los, percebe-los de uma forma diferenciada, podendo aliviar culpas e sofrimentos e desta forma haver uma mudança de atitudes dentro do lar, que pode trazer como consequência uma diminuição nas desavenças e um vínculo mais saudável para todos os envolvidos.

Por meio destes métodos a família tem ainda a possibilidade de:

[...] desligar-se de vínculos transferenciais, recuperar cargas positivas ou téticas, enfim, viver a espontaneidade. Pode chegar, com a melhor utilização de suas forças, à modificação em suas relações e, portanto, de seu meio. A criança, devido a sua dependência de adultos – principalmente seus pais –, necessita de tanto mais força para qualquer modificação em suas relações e em seu meio quanto maior for a resistência das pessoas de cujo afeto depende (BENEDITO et al., 1988, p. 44).

Pois os conflitos infantis serão sempre referentes a conflitos vinculares, sendo estes principalmente com seus pais, que são as principais figuras das quais a criança se relaciona (BENEDITO et al., 1988). O sociodrama então pode auxiliar pais e filhos a se colocarem um no lugar do outro e assim encontrar resoluções para seus conflitos (FERREIRA et al., 2017). Sendo um método potencializador de relações familiares, que contribui para a transformação e estabelecimento de vínculos (TOLOI; SOUZA, 2015; FILIPINI, 2009)

Em psicodrama e sociodrama focaliza-se com os pais a relação com os filhos e com os filhos os seus próprios vínculos. A finalidade é o desenvolvimento da relação, e com isso é preciso transformações tanto no papel quanto no contra-papel. Ou seja, é necessário que mude o papel de pai e/ou mãe e também o papel de filho (a). Estas transformações ocorrem numa criação criativa em conjunto, a “co-criação” entre os envolvidos. Para que o processo seja eficaz é preciso de espontaneidade e criatividade, ou seja, que a família encontre respostas novas e criativas a cerca de um problema recorrente ou de um problema novo, que sejam flexíveis nos seus papéis (TURBIANI; SENATRO, 1988). A psicoterapia psicodramática ou a socioterapia baseada no sociodrama com as famílias tem o objetivo de dar possibilidades, devolver a família sua autonomia e dar a si mesma a “cura” que procura através do livre fluxo espontâneo (MORENO, 1991).

Método

Este trabalho se constituiu como uma pesquisa qualitativa, exploratória na modalidade pesquisa-ação. Os participantes da pesquisa foram acessados a partir de dados fornecidos por uma escola, ao todo três pessoas que exercem o papel de mãe e seus filhos, sendo seis participantes. Os critérios de inclusão para os pais foram: terem filhos que tenha entre 5 e 9 anos de idade; terem disponibilidade para participar do grupo; serem maior de 18 anos. Para as

crianças os critérios de inclusão foram: terem entre 5 e 9 anos de idade; ter pelo menos um dos genitores participando da pesquisa.

Por tratar-se de pesquisa-ação sob o escopo do Sociodrama, segundo o quadro de referência de Rodrigues (2007), a estratégia foi centrada na criação coletiva, o foco socioterápico cujo objetivo é superar dificuldades. O procedimento utilizado para a realização das sessões foi o sociodrama. As ferramentas utilizadas foram jogos, o átomo social, a dramatização e a teatralização na modalidade de teatro espontâneo. Ainda segundo Rodrigues (2007) os instrumentos utilizados foram diretor, cenário, que inclui real e simbólico, protagonista, coadjuvante, que inclui ego-auxiliar e ego-plateia e o público.

A partir do aceite documentado pela escola foram obtidos os contatos dos participantes para o desenvolvimento da pesquisa. Os participantes foram contatados individualmente e convidados para participar das 4 sessões do Sociodrama. Após o contato inicial foi realizado um encontro para apresentar o Termo de consentimento livre e esclarecido, esclarecendo de eventuais dúvidas e combinar um horário onde todos possam participar. Os nomes dos participantes foram resguardados a partir da utilização de nomes fictícios. As sessões foram realizadas no espaço cedido pela escola. O tempo aproximado das sessões foi de 2h, ocorrendo semanalmente, uma vez por semana, totalizando quatro sessões.

Os dados foram obtidos através da pesquisa-ação e submetidos à análise de conteúdo (BARDIN, 2009). Em um primeiro momento houve uma leitura flutuante dos dados levantados, construção de hipóteses, junção com os objetivos, separados por semelhanças e diferenças, reagrupados de acordo com suas características e assim iniciou-se a análise propriamente dita (BARDIN, 2009). Foram feitos os recortes das sessões, de modo a facilitar a análise conforme o objetivo da pesquisa.

Resultados e Discussão

Como aquecimento para a sessão foi solicitado que cada um desenhasse o outro como herói, visto que o objetivo dessa sessão seria enxergar o outro, dentro das suas qualidades e suas forças, fortalecendo assim o vínculo entre eles. Também foi objetivo desta sessão desenvolver o cluster 2 e o reconhecimento do eu. A fase do reconhecimento do eu é quando a criança passa a reconhecer-se como sujeito e neste momento é nela mesma que é o foco, se vê

separada da mãe pela primeira vez, dá os primeiros passos em direção a saúde mental e relacional, abrindo caminho para o reconhecimento do outro (FONSECA, 2008).

(passou 20 minutos)

Leandro começa a fazer o desenho e amassa três vezes seguidas. (sic)

Leandro: Pode recortar no meio? (sic)

Diretor: Depende, teu herói é recortado no meio? Você já terminou? (sic)

Leandro: Não. (sic)

Diretor: Então faz que já estamos próximos de apresentar, pode ser? (sic)

(Mãe de Leandro faz um desenho igual ao que ela fez para ele, porém com aparência feminina e entrega para Leandro). (sic)

Diretor: Terminou Leandro? (Leandro faz que sim com a cabeça) (sic)

Diretor: Mas tem que ser um desenho teu, do herói que você acha que é a sua mãe, pode ser qualquer um, faz rapidinho. (passou mais 10 minutos) (sic)

Aqui observa-se que Leandro e sua mãe também estão na fase simbiótica da matriz, o mesmo não consegue enxergar a mãe de forma heróica, pois ainda não consegue nem enxergar a si mesmo como sujeito, tudo ainda faz parte de um único sujeito (FONSECA, 2008). Além disso, o recurso do desenho no psicodrama é de grande valia, pois ele é caracterizado como arte-terapia, sendo assim, é uma fonte de descoberta do mundo interno do sujeito, podendo desta forma "[...] acessar e dar forma a sentimentos, pensamentos e lembranças profundamente sepultados, enquanto o grupo psicodramático é um lugar seguro para começar a trabalhar o material descoberto" (GERSHONI, 2008, p. 97). Ou seja, o desenho é uma fonte de descoberta, usá-lo é facilitar o acesso ao mundo interno, tendo isso "cura" pode vir através da ação dramática (GERSHONI, 2008).

Laura: Eu não vou começar, quem vai começar é a mãe, vai mãe primeiro. (sic)

Diretor: Como é o nome do seu personagem? (sic)

Mãe de Laura: É a super-filha. (sic)

Diretor: Então vamos dizer que você é a super-filha agora, você é essa personagem do desenho. Qual é a sua maior qualidade super-filha? (sic)

Mãe de Laura no papel de super-filha: Companheira. (sic)

Diretor: E quais são seus super-poderes? (sic)

Mãe de Laura no papel de super-filha: Aonde passa deixa um pouco de brilho. (sic)

Diretor: Deixa tudo brilhante? (sic)

Mãe de Laura no papel de super-filha: Tudo brilhante! (sic)

Diretor: Qual é a sua maior força super-filha? (sic)

Mãe de Laura no papel de super-filha: força ou o que deixa nas pessoas? (sic)

Diretor: Pode ser também. (sic)

Mãe de Laura no papel de super-filha: Carinho, ela é muito carinhosa. (sic)

Diretor: Então a super-filha deixa brilho por onde passa e ela é carinhosa, é isso? (sic)

Mãe de Laura no papel de super-filha: Isso. (sic)

Diretor: E você (para Laura) qual é o nome do seu super-herói? (sic)

Laura: (fica em silêncio) (sic)

Diretor: Tem um nome, tu não quer contar pra nós? (sic)
Mãe: A mãe já foi, agora é você! (sic)
Diretor: Ali é a super-filha e aqui o que é? (sic)
Laura: A super-mãe. (sic)
Diretor: E qual é a maior qualidade da super-mãe? Você é a super-mãe, qual é a sua maior qualidade? (sic)
Laura: Acompanhar a filha. (sic)
Diretor: E qual é a sua maior força? Como super-mãe? (sic)
Laura: Dar poder pras pessoas, dar os brilhos, jogar os brilhos. (sic)
Diretor: Ah, então ela vai jogando poder pra todo mundo? Ela é bem generosa então, o que mais da supermãe? (sic)
Laura: Que eu gosto da mãe. (sic)

Aqui identifica-se que tanto mãe, quanto filha conseguem visualizar pontos positivos uma na outra, dá-se aí a importância do reconhecimento do eu, enxerga-se como sujeito para então poder enxergar o outro e se relacionar com o outro de uma forma mais saudável e espontânea, passando assim para outras fases da matriz de identidade (FONSECA, 2008). Neste diálogo percebe-se então que ambas, mãe e filha, passam pelas fases do reconhecimento do eu e do tu, se reconhecem como pessoas e passam a reconhecer também a outra (FONSECA, 2009). Um vínculo positivo mãe-filho viabiliza o desenvolvimento da espontaneidade, a criança se sente segura de suas percepções, tranquila com seus produtos que reconhece como próprios e que consegue oferecer aos outros sem confundir-se (CHUBURU, 1982). Conforme Nery (2003), o vínculo consiste no resultado do fenômeno tele que proporciona a complementariedade de papéis sociais, refletindo nos estados co-consciente e co-inconsciente. Vínculo do indivíduo com objetos se origina do desempenho de determinados papéis. Assim os vínculos sociais, surgem na complementariedade dos papéis sociais das pessoas, formando, por exemplo, os vínculos de patrão/empregado, irmãos, colegas de profissão, que muitas vezes, se fundamenta em um projeto dramático.

O projeto dramático é a expectativa de vinculação, inclui o critério sociométrico que lança o indivíduo para a escolha da(s) pessoa(s) que possa(m) preencher uma expectativa para a formação dos vínculos (NERY, 2014). Nesse sentido, o projeto dramático da filha parece estar relacionado à companhia da mãe durante suas ações diárias, enquanto o projeto dramático da mãe se encontra no recebimento de afeto, ambas esperam receber e pouco falar em dar.

(Leandro mostra o que a mãe desenhou pra ele apresentar) (sic)
Diretor: Não, o seu, esse aí não foi você que fez. (sic)
(Leandro pega o desenho dele) (sic)
Diretor: Esse aqui é o super-herói. Como é o nome dele? (sic)
(Leandro continua riscando o papel) (sic)

Mãe de Leandro: vai Leandro. (sic)
Diretor: Vamos guardar? (Leandro vai guardando) (sic)
Diretor: Agora explica pra nós quem é esse super-herói aí? Conta pra nós, como é o nome? (sic)
(Leandro faz que não com a cabeça) (sic)
Diretor: Quando você começou a desenhar você pensou em um nome? (faz que não com a cabeça) não? Então começa mãe, qual o nome desse super-herói? (sic)
Mãe de Leandro: Esse aqui é que eu não sei desenhar bem direito né, mas é o Homem-Aranha. (sic)
Diretor: Ah, e qual é o super poder do Homem-Aranha? (sic)
Mãe de Leandro: o Homem-Aranha, ele joga a teia de aranha. (sic)
Diretor: E isso é bom? (sic)
Mãe de Leandro: Uhum, é porque tipo assim ele faz só pra ajudar as pessoas. (sic)
Diretor: Ah, é uma pessoa que ajuda todo mundo? (sic)
Mãe de Leandro: Aham. (sic)
Diretor: Qual é a maior qualidade do Homem-Aranha? (sic)
Mãe de Leandro: (silêncio) Ah, a maior qualidade dele é a teia mesmo. (sic)
Diretor: É ajudar as pessoas? (sic)
Mãe de Leandro: Uhum. (sic)
Diretor: E qual é a maior força dele? (sic)
Mãe de Leandro: É a teia. (sic)
Diretor: E o que mais agente precisa saber sobre ele? (sic)
Mãe de Leandro: Só isso. (sic)
Diretor: Então esse super-herói ele é bonzinho, ele é ajuda todo mundo e é muito forte? (sic)
Mãe de Leandro: É. (sic)
Diretor: Agora é sua vez (para Leandro) quem é essa super-heroína? (silêncio) tua mãe também quer saber, você não queria saber qual que ela escolheu pra você? (se abaixa envergonhado) não precisa ficar com vergonha, mas então explica pra nós, fala pra nós. (sic)

No diálogo acima percebe-se a falta de espontaneidade da mãe que enxerga apenas uma qualidade/característica no filho, o que acaba refletindo no mesmo, impedindo que a sua espontaneidade tenha um fluxo livre e não enxergue nenhuma característica heroica na mãe. Segundo Moreno (2016, p. 144) os seres humanos buscam equilíbrio biossociopsíquico no desenvolvimento dos vínculos, sendo parte dele a liberação da espontaneidade-criatividade, descrita como “[...] uma aptidão plástica de adaptação, mobilidade e flexibilidade do eu, indispensável a um organismo em rápido crescimento num meio em rápida mudança” É uma resposta rápida e não rígida que o sujeito precisa dar em uma situação nova ou em uma situação antiga. Se as respostas forem sempre iguais, mesmo diante de situações novas e diferentes há um bloqueio espontâneo, este bloqueio pode deteriorar sua saúde mental. Segundo Martín (1996, p. 125) “A espontaneidade em si é inesgotável pelo fato de criar-se no instante, para cada circunstância.”. E atua em todas as dimensões expressivas, englobando o sujeito como um todo. A cura só é possível se houver espontaneidade (MORENO, 2016). No caso do desenho do homem aranha percebeu-se falta de espontaneidade, e sem esse fator não pode haver a “cura”,

ou seja, é preciso que a espontaneidade existente em cada sujeito venha à tona, liberte-se das amarras das conservas e dos papéis estereotipados.

Diretor: [...] Eu queria pedir agora, se esses super-heróis estivessem numa foto, como seria essa foto? Como seria essa fotografia? (sic)

Laura: Estão em casa. (sic)

Diretor: Você é a super-mãe (para Laura) e você é a super-filha (para mãe de Laura) vocês estão em casa, o que estão fazendo? (sic)

Mãe de Laura: Voando né, porque as duas tem capa. (sic)

Diretor: Vocês estão voando aqui, por cima dessa casa? Soltando todos esses brilhos? Estão sendo generosas com o pessoal dessa casa? (fazem que sim com a cabeça) é? Quem ali precisa desse brilho todo? (sic)

Laura: a vó, o pai, os primos. (sic)

Mãe de Laura: A tia. (sic)

Laura: A tia e as minhas primas. (sic)

Diretor: Agora eu queria que vocês trocassem um pouquinho de forças, uma com a outra. Super-mãe, o que você quer da super-filha? Ela é muito carinhosa, solta brilhos por onde passa... Qual força você quer da super-filha? (sic)

Laura no lugar de super-mãe: Eu quero carinho. (sic)

Diretor: Então tá. Super-filha dá um pouquinho de carinho pra mãe (se olham) como é que faz isso? (sic)

(jogam brilhos) (sic)

Diretor: E a super-filha, quer o quê da super-mãe? Se ela pudesse trocar uma força, a super-mãe é muito generosa. O que mais? (sic)

Laura do lugar da super-mãe: Dá muito amor, carinho, paixão. (sic)

Diretor: E o que a super-filha quer trocar com a super-mãe? (sic)

Mãe de Laura no lugar de super-filha: A generosidade. (sic)

Diretor: Então dá a generosidade pra super-filha (trocam brilhos) agora vocês estão com as forças equilibradas ou precisa trocar mais alguma coisa? (sic)

Mãe de Laura: Tá bom. (sic)

A inversão de papéis é de extrema importância, colocar-se no lugar do outro para ofertar ao outro aquilo que deseja receber, desta forma, como consequência a o aprimoramento do Cluster materno – aprender a dar e receber, falar e ser ouvido, desejar e ser desejado. Fonseca (2008) descreve que para Moreno a personalidade se constitui a partir do desenvolvimento dos papéis. Um bom desempenho de papel proporciona uma percepção adequada do papel complementar e vice-versa. Nesse sentido, o sociodrama buscou o desenvolvimento da espontaneidade e à amplificação da capacidade télica, a fim de ampliar e clarificar os papéis desenvolvidos pelo indivíduo e seu átomo social.

Diretor: e aqui, o que o Homem-Aranha tem pra trocar com o personagem, qual que é o nome? (para Leandro) que força você queria do Homem-Aranha? Se você fosse essa super-heroína? Hm? (silêncio) E o Homem-Aranha, quer trocar o que com essa super-heroína? (silêncio) O que você quer dar um pouco pra essa super-heroína? (sic)

Mãe de Leandro no papel de Homem-Aranha: Um pouco da teia de aranha, né. (sic)

Diretor: Você quer que a super-heroína ajude mais as pessoas? (sic)

Mãe de Leandro no papel de Homem-Aranha: Uhum! (sic)
Diretor: E o quê a super-heroína devolve, em troca? Tem que ter alguma coisa aí, tá dando um pouquinho de teia que é muito rara, muito importante, só o Homem-Aranha que tem, você precisa trocar alguma coisa (silêncio) hm? (silêncio) o que está sendo difícil? (silêncio) você não conseguiu imaginar uma super-heroína? (fez que não com a cabeça) você conseguiu imaginar o que? Hm? (silêncio) quem é seu super-herói? (sic)
Mãe de Leandro: Qual que você gosta mais? (sic)
Leandro: Não sei. (sic)
Mãe de Leandro: Ixi! (sic)
Diretor: Como que a mãe está se sentindo? (sic)
Mãe de Leandro: bem, ele é calado assim mesmo na frente dos outros, dos outros, mas só que em casa... Hum!(sic)
Diretor: Como eu me sinto quando meu filho não consegue imaginar um super-herói pra mim? (sic)
Mãe de Leandro: Não sei. (sic)
Diretor: Falta palavras? (sic)
Mãe de Leandro: Aham. (sic)
Diretor: O sentimento é bom ou é ruim? (sic)
Mãe de Leandro: Nem bom, nem ruim. Porque ele já é assim mesmo, até na escola. (sic)
Diretor: E você Leandro? Como você se sentiu quando a tua mãe te desenhou como Homem-Aranha?(silêncio) você gostou? Sentiu-se bem? (fez que sim com a cabeça) vocês querem falar mais alguma coisa? (fazem que não com a cabeça) (sic)

Leandro e sua mãe tiveram dificuldades para desenhar o outro como herói, mãe e filho ficaram em torno de 10 minutos parados sem saber como fazer, a diretora explicou como deveria ser feita a atividade algumas vezes, deu exemplos e perguntou se entenderam. Filho começou a desenhar, amassou e jogou fora quatro vezes seguida, por fim, todos já haviam acabado e a mãe pegou uma folha e começou a desenhar uma super-heroína para que o filho apresentasse. Destacado que o desenho devia ser da criança foi pedido mais uma vez para que ele desenhasse, o mesmo fez uma boneca e rabiscou com canetinha preta por cima, a mãe entregou o desenho que ela fez a ele. Isso destaca questões vinculares, a mãe tem uma dinâmica vincular relacionada ao controle, ao cumprimento de tarefas, tanto por ela, quanto pelo filho, desta forma é preciso utilizar técnicas para liberação da espontaneidade e após isso trabalhar este vínculo. O controle aqui é uma forma de impedir o reconhecimento do eu. É preciso que a criança possa ter a possibilidade de reconhecer-se como sujeito, separado da mãe, para que possa se desenvolver saudavelmente e com isso ter relações vinculares com outras pessoas de forma que não afronte sua identidade.

Diretor: [...] Eu queria agora que vocês falassem um pouquinho como foi fazer, se foi difícil, se não foi, como foi imaginar...? (sic)

Mãe de Leandro: Pra mim foi difícil imaginar, mas dai lembrei que ele é bem hiperativo. Pensei o quê? Homem-Aranha! No mesmo tempo que tá aqui, já tá no outro canto. (sic)

Diretor: O que mais? Vocês gostariam de escutar a outra falando que você é uma super-heroína? Você gostou Laura? O que mais ficou marcado pra ti? (sic)

Laura: Eu não sei. (sic)

Diretor: Eu gostaria que vocês dissessem uma palavra para terminarmos, de como foi hoje. (sic)

Laura: Uma palavra. (risadas) (sic)

Diretor: Uma palavra é bom. (risada) (sic)

Laura: Hoje foi bom. (sic)

Mãe de Leandro: Hoje foi bastante legal, apesar de que o Leandro não falou nada hoje. (sic)

Leandro: Tô com fome. (sic)

Mãe de Leandro: Tá com fome? Menino! (risadas) (sic)

Laura: Ele falou uma palavra. (sic)

A mãe de Leandro mostra-se muito crítica em relação ao filho, apresentando falas como “ele é hiperativo, aí lembrei do homem-aranha”, “foi bom, apesar dele não ter falado nada”, falas desse tipo pode gerar um papel complementar interno patológico que manterá o filho nesse papel conservado. Segundo Nery (2014) o indivíduo aprende emoções e condutas relacionadas ao papel complementar interno patológico, que se tornarão conteúdos da sua criança interna ferida, conduzindo-o a alguns autoconceitos e desenvolvendo lógicas afetivas de conduta. Todo conflito é incorporado por meio de um papel, geralmente o papel de filho através de seu complementar: mãe ou pai. Esta situação de conflito faz com que este papel fique fixado em seu “modus operandi” ao papel complementar primário. Desse modo, todo estímulo externo que suscite esta dinâmica desencadeará condutas relacionadas a este complementar interno patológico (NERY, 2014). Sendo que esta complementaridade interna patológica é a base dinâmica da transferência. Moyses Aguiar (1990) esclarece que, por exemplo, quando se está no vínculo com a mãe, além de se aprender os papéis sociais de filho e de mãe, também são aprendidas as funções de papéis de cuidador, de protetor, de aconselhador, de mantenedor, dentre outras. Portanto, Leandro, diante de uma mãe crítica, e com sentimento de menos valia em virtude disso, apresentará condutas afins com outras figuras relacionadas a dar e receber, a partir do cluster (conjunto de papéis) que se relacionam a este. Em compensação, o grupo ofereceu outra lógica afetiva para Leandro, uma chance importante para se relacionar com outras pessoas que não veem apenas aspectos negativos dele.

Na última sessão só vieram Laura e sua mãe. Como aquecimento inespecífico a diretora pergunta como passaram a semana, como estão, as escuta um pouco. Após isso solicita que com almofadinhas coloquem como estava a relação de mãe e filha ao longo dos quatro encontros.

Mãe de Laura: eu vou colocar a minha almofada em cima dela. Porque ela não sai de cima de mim (risos), né Laura? Onde que a mãe vai a Laura tá atrás. (sic)
Diretor: Você sente assim também, Laura? Bem próximas? (sic)
Laura: Uhum. (sic)
Diretor: Agora vamos colocar aqui pro segundo encontro, cada uma pega uma de novo. (sic)
Mãe de Laura: Estava bom, menos grudada. (sic)
Diretor: Indo pro terceiro encontro, que foi quando nós fizemos as super-heroínas. (sic)
Diretor: Falem um pouco sobre como estava a relação de vocês. (sic)
Mãe de Laura: a Laura puxou um pouco pro lado do pai dela. Ela é teimosa e responde, parece que tem hora que ela que é minha mãe, né? E a mãe já falou pra parar de responder a mãe. (sic)
Diretor: E você, Laura? Como estavam vocês duas aqui? (sic)
Laura: Bem. (sic)
Diretor: Vamos botar um pra hoje, nosso último encontro (colocaram) falem um pouquinho de hoje como vocês estão? (sic)
Laura: Bem, eu to bem. (sic)
Mãe de Laura: É que um pouco, tem que deixar ela um pouco fora de mim (sic)

Figura 1 – Descrição da relação mãe e filha nos quatro encontros realizados



Fonte: foto tirada pela pesquisadora após a sessão (2018).

A partir da concretização feita com as almofadinhas representando como estava a relação de mãe e filha ao longo das quatro sessões pode-se visualizar que a relação antes simbiótica das duas, “sufocante” como descrita pela mãe passou a ser uma relação de corredor, ou seja, passou pelo reconhecimento do eu, do tu e chegou a relações em corredor, a quinta fase da matriz descrita por Fonseca (2008), onde “[...] o Eu e o Tu estão reconhecidos [...] A criança

adquire uma capacidade discriminatória entre fantasia e realidade, entre o que sou Eu e o que é “o resto do mundo” (FONSECA, 2008, p. 123). Nesta fase o outro é mais do que só a mãe, há a introdução de outras pessoas, outros vínculos, ainda não é a fase ideal, pois nesta fase a criança “[...] faz relacionamentos exclusivistas e possessivos [...] sente que o Tu existe só para si” (FONSECA, 2008, p. 123). Portanto, aqui Laura se torna mais propícia a caminhar rumo ao reconhecimento de novos tu’s, sendo necessária a continuidade desse estímulo por parte da mãe.

Diretor: Agora eu queria pedir pra vocês montarem aqui como o grupo estava nos encontros, no 1º dia, no 2º dia, no 3º dia e agora. (colocaram almofadas enfileiradas) (sic)

Mãe: No primeiro dia o grupo tava tenso, muito envergonhado, tinha muita historia ali. (sic)

Laura: o Leandro queria ter falado no 1º dia, mas não conseguiu, teve muita vergonha. (sic)

Mãe: Sobre o 2º dia eu não sei, nós não viemos. Mas no 3º dia foi muito divertido, nós rimos muito, foi bem leve, sem tensão. (sic)

Diretor: E porque vocês acham que os outros não conseguiram vir finalizar o grupo? (sic)

Mãe: Porque ninguém conseguiu conciliar os horários, a mãe da Luiza tá trabalhando muito. A mãe do Leandro tava com a outra filhinha pequena doente e não tinha com quem deixar, eu falei com ela, ela queria vir, mas não tinha como. (sic)

No diálogo acima a mãe de Laura relata porque acha que o grupo se desfez a ponto de serem marcadas três sessões seguidas e somente ela e sua filha terem conseguido finalizar. Retrata-se também que dada a quantidade de conteúdos internos e patológicos que foram levantados nas sessões, existe a hipótese de ter sido difícil e confrontador para as mães faltantes, o que se relaciona ao tipo de vínculo existente. Percebeu-se a presença do vínculo residual, com figuras parentais ausentes e do vínculo virtual com o arquétipo de mãe, conservado por meio das relações do passado, em que a mãe deve ser aquela que supre todas as necessidades físicas, porém, nem sempre afetivas, da criança.

Diretor: Como vocês gostariam que fosse a relação de vocês duas? (sic)

Mãe: Eu gostaria que a Laura me respeitasse mais, não respondesse, às vezes ela me trata como o pai dela me trata (se emocionou) e ela é minha amiga, não pode ser assim. (sic)

A mãe de Laura na fala acima relata uma relação de transferência, onde quando a filha a trata com desrespeito, ela lembra da relação que tem com seu marido e do seu relacionamento abusivo. Desta forma, sente-se do mesmo modo no relacionamento com o seu marido, ou seja,

este vínculo encontra-se permeado por relações transferenciais. A transferência despotencializa o eu dos envolvidos, gerando uma complementação patológica dos papéis (NERY, 2015). Assim, Laura pode nessa complementariedade estar representando para a mãe o papel do marido, ou seja, daquele que faz o que quer, trata as pessoas de forma abusiva e dessa forma obtém afeto. Assim aprende com o clusters paterno que as figuras de autoridade/ homens são violentas.

Duplo feito pelo Diretor: Filha, não gosto quando você falta com respeito comigo. Me sinto muito mal, você é a única naquela casa que pode me tratar bem e não me trata. (sic)

Laura: Eu não quero fazer isso, mas a gente precisa sair daquela casa lá eu fico muito irritada com a dona Maria e descontro em você mãe. (sic)

Diretor: O que vocês estão dispostas a fazer para ter uma relação com mais respeito? (sic)

Laura: Temos que sair daquela casa, lá não dá. (sic)

Mãe: Eu sei Laura, pra mim também é ruim. Eu não trabalho, não tenho como sustentar a nossa casa, eu nunca trabalhei, mas acho que vou ter que buscar alguma coisa. Porque eu também acho que é a única forma de nós sairmos de lá é se eu trabalhar pra pagar uma casa pra nós três. (sic)

No diálogo exposto acima pode-se perceber uma resposta nova e espontânea propiciada pelo duplo feito pelo diretor. A espontaneidade beneficiará um vínculo mais saudável, não rígido, nem conservado, permitindo o desenvolvimento de ambos na relação (MORENO, 2016). As condições sociais, em situações de violência, podem dificultar não só a expressão da espontaneidade, mas a própria vida. Entretanto, a expressão livre pode transformar e fortalecer as relações, suscitando a esperança diante de crises sociais (CARNEIRO; RASEIRA, 2012).

Diretor: Você entende Laura que pra sua mãe também não está legal? (sic)

Laura: Sim, por isso eu vou tentar não descontar nela. (sic)

Diretor: O que você pode fazer quando está com raiva ao invés de descontar na sua mãe? (sic)

Laura: Ah, não sei, brincar ali na rua com meus amigos? Não sei, acho que isso. (sic)

Diretor: Tá bom. (sic)

Diretor: Como vocês gostariam de finalizar? (sic)

Mãe: Com mais respeito, carinho. (sic)

Laura: Também, mas tenho vergonha de dar um abraço na minha mãe e falar algumas coisas também. (sic)

Diretor: Gostaria que cada uma falasse uma palavra pra descrever como foi vivenciar esses encontros com o grupo. (sic)

Mãe: Aliviada. (sic)

Laura: Muito bom, gostei. (sic)

Apesar da existência de conservas culturais as duas, mãe e filha, estão caminhando em direção a diferenciação, reconhecendo a si próprias separadas da outra. Isto se traduz em ações

cada vez mais espontâneas e criativas, viabilizando o desenvolvimento de um vínculo saudável e saúde mental.

Neste lugar está a importância do vínculo forte e saudável da criança com seus pais, pois esse vínculo saudável irá influenciar no equilíbrio psíquico da mesma, impedindo o bloqueio da espontaneidade. O que, por sua vez, possibilita que a criança crie e introjete o vínculo de uma forma que lhe faça bem e não lhe traga conflitos, pois a cura só é possível através da espontaneidade (MORENO, 2016).

Conclusão

Os dados levantados apontam que as contribuições do sociodrama, objetivo principal desta pesquisa, principalmente no que diz respeito a Laura e sua mãe, sendo que avançaram dentro do seu vínculo e dentro da matriz de identidade. Permitiu um espaço para que cada uma se enxergue como sujeito e com isso enxergue o outro, conseqüentemente uma evolução na relação, o que, por sua vez, diminui o sofrimento psíquico e possibilita o resgate da espontaneidade e criatividade.

A partir das sessões pode-se perceber que a relação de Laura e de sua mãe tornou-se mais tética e espontânea, abrangendo assim o objetivo de desenvolvimento de relações desse tipo a partir do sociodrama. Também reconheceu os papéis exercidos pelos membros da família através da atividade dos heróis, mesmo que sejam papéis conservados e necessitem de um aprofundamento maior em psicoterapia.

Em todas as famílias percebeu-se a simbiose da relação mãe e filho, bem como a transferência e a complementação patológica de papéis, que afetam as lógicas afetivas de conduta. Faz-se necessário o trabalho com crianças e famílias nesta faixa etária para que estas lógicas afetivas de conduta não se cristalizem e acompanhem a criança em sua vida adulta.

Referências

AGUIAR, Moysés. *O teatro terapêutico: escritos psicodramáticos*. Campinas: Papirus, 1990.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

BENEDITO, Vanda di Lorio et al. Rematrizando a relação pais-filhos. In: GONÇALVES, Camila Salles (Org.). *Psicodrama com crianças: Uma psicoterapia possível*. 4. ed. São Paulo: Ágora, 1988. p. 43-52.

CARNEIRO, Isabela Rezende; RASERA, Emerson Fernando. Família, espontaneidade e crise social: o psicodrama de "A vida é bela". *Rev. SPAGESP*, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 23-30, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702012000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 jul. 2018.

CHUBURU, Beatriz Bustos de. Integração corporal. In: BUSTOS, Dalmiro M. (Org.). *O psicodrama: aplicações da técnica psicodramática*. São Paulo: Ágora, 1982. p. 177-200.

FERREIRA, Laís Pimenta et al. Sociodrama de famílias: um instrumento de potencialização da relação pais e filhos no contexto escolar. *Rev. bras. psicodrama*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 108-114, jun. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932017000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 jun. 2018.

FILIPINI, Rosalba. Reconfiguração sociométrica da família na contemporaneidade: os desafios de crianças e adolescentes. *Rev. bras. psicodrama*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 35-50, 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932009000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 jul. 2018.

FONSECA, José. *Psicodrama da loucura: correlações entre Buber e Moreno*. 7. ed. São Paulo: Ágora, 2008.

_____. Psicoterapia da Relação: um psicodrama minimalista. Tradução de Zoltán Figusch. In: FIGUSCH, Zoltán. *From one-to-one psychodrama to large group socio-psychodrama: More writings from the arena of Brazilian psychodrama*. Morrisville, NC: www.lulu.com, 2009. p. 87-111.

GERSHONI, Jacob (Org.). *Psicodrama no século 21: Aplicações clínicas e educacionais*. São Paulo: Ágora, 2008.

MARTÍN, Eugenio G. *Psicologia do encontro: J. L. Moreno*. São Paulo: Ágora, 1996.

MONTEIRO, André Maurício; CARVALHO, Esly Regina Souza de (Orgs.). *Sociodrama e sociometria: aplicações clínicas*. São Paulo: Ágora, 2008.

MORENO, Jacob Levy. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 2016.

MORENO, Zerka T. Tempo, espaço, realidade e família: Psicodrama com uma família reconstruída. In: HOLMES, Paul; KARP, Marcia (Org.). *Psicodrama: Inspiração e técnica*. São Paulo: Ágora, 1991.

NERY, Maria da Penha. *Vínculo e Afetividade*. São Paulo: Ágora, 2003.

_____. *Vínculo e afetividade: caminhos das relações humanas*. 3. ed. São Paulo: Ágora, 2014.

_____. Monografia Capítulo 1. In: *Tele e Transferência*. Disponível em <http://febrap.org.br/pdf/Teorias_Vinculo_dos_Papeis.pdf>. Acesso em 11 de janeiro de 2019.

RODRIGUES, ROSANE. Quadros de referência para intervenções grupais: Psicodramáticas. *DPSedes*, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicodrama/Quadros_referencia_Intervencoes_Grupais.pdf>. Acesso em 15 jan. 2018.

TOLOI, Maria Dolores Cunha; SOUZA, Rosane Mantilla de. Sociodrama temático: um procedimento de pesquisa. *Rev. bras. psicodrama*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 14-22, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932015000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 jan. 2018.

TURBIANI, Maria Adelaide. SENATRO, Vera Lucia. 1988. Psicoterapia dos papéis de pai e de mãe. In: GONÇALVES, Camila Salles (Org.). *Psicodrama com crianças: Uma psicoterapia possível*. 4. ed. São Paulo: Ágora, 1988. p. 53-64.

VITALE, Maria Amália; TASSINARI, Miriam. A família na sociedade pós-moderna. *Rev. bras. psicodrama*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 157-168, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932009000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 jul. 2018.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

PERLIN, Yoná Martins Corrêa; CASTRO, Amanda. Sociodrama e vínculo: uma pesquisa-ação com pais e filhos. Acolhimento Puerperal no Contexto Atribuído às Primíparas. **Id on Line Rev. Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.45, p. 302-317. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 05/04/2019

Aceito 15/04/2019